

INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO DE SÃO PAULO

4 de março de 1972

Posse de D. Paulo Evaristo Arns

D i s c u r s o d e P o s s e

Exmo. Sr. Presidente,
Exmas. Autoridades,
Senhoras, Senhores,
Meus Colegas do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo,

No momento de ser apontado meu nome para tão egrégio Sodalício, que não apenas guarda com desvelo a história do passado, mas participa, pela projeção de tão altas personalidades, da história do presente, lembrei-me de que a escolha recaíra mais sobre o Arcebispo da grande Metrópole do que sobre o humilde historiador que desde os anos de 1940 vem pesquisando, por vezes publicando, outras ensinando as grandes idéias que nos foram legadas pelo passado.

A obra monumental "A Igreja na História de São Paulo", elaborada por Membro deste Instituto, confrade e amigo, Mons. Paulo Florêncio da Silveira Camargo, sob o alto patrocínio do Instituto Paulista de História e Arte Religiosa, bastaria para provar que o Arcebispo da Igreja de São Paulo, ao assumir o cargo, se torna responsável pela guarda de idéias e ideais, como também de monumentos, documentos e outros valores cristãos e humanos do passado, e, ao mesmo tempo assume o dever - grave entre todos - de alimentar e documentar a História de hoje.

Numa destas suas intuições geniais, exclamava Péguy: "Se é difícil escrever a História do passado, por falta absoluta de documentos que cubram toda a atividade humana, é igualmente difícil ser justo para com a História contemporânea, pela própria abundância dos documentos e ausência de

critérios definitivos.”

Houve tempos em que apenas as guerras e revoluções eram objeto de pesquisa, e apenas reis, príncipes ou soberanos imaginavam fazer História. Hoje, concordamos todos em afirmar que a História da Humanidade deve escrever-se à base de documentos que testemunhem de paz, cultura, e evolução global das Comunidades. Assim, a História se transformará, de fato, em Mestra da Humanidade. Assim, igualmente, a Igreja ajudará a construir e a manter as pilastras da História, velando pela Justiça, Verdade, Paz e Fraternidade.

Ao agradecer, pois, aos meus pares a indicação e a eleição, justifico o ato pela escolha de alguém que é responsável por todo o passado por ser Arcebispo, e de alguém que assume o presente, porque se tornou, sem mérito embora, centro de unidade da História da Igreja de hoje em São Paulo. Mas uno, desde já, ao agradecimento, o pedido a todos os Membros do Instituto e aos amigos aqui presentes: ajudem-nos a conservar tudo o que diz respeito à História de ontem e de hoje, para que as novas gerações, ainda indiferentes ao que “aconteceu”, saibam assumir a tarefa de levar a História a acontecimentos melhores.

Nesta hora, exatamente nesta hora, estamos vivamente empenhados em conservar e restaurar os preciosísimos arquivos da Mitra Diocesana, e acarinhamos o projeto de criar com eles um Instituto que facilite a sua complementação e o manuseio de todas essas preciosidades por historiadores; esperamos, igualmente, poder conservar os monumentos arquitetônicos, nosso acervo de escultura e pintura, para completar, assim, a ação iniciada por nosso predecessor, com a criação do Museu de Arte Sacra, tão bem instalado no Mosteiro da Luz. Faremos mais, com a colaboração de todos. Há menos de uma semana reunimos representantes da Arte Sacra, para promovermos a Comissão Arquidiocesana encarregada da Arquitetura, da Música Sacra e da Liturgia, para que assim o presente não se caracterize como simples era de transição, mas como época de estudos, pesquisas e realizações que interpretem o nosso tempo e utilizem novos recursos para a expressão dos anseios e das capacidades dos artistas e do Povo Paulista.

Escolha do Patrono

Não estranhareis, por isso, que minha escolha para Patrono neste Instituto tenha recaído sobre a personalidade, por tantos títulos, surpreendente de D. Antonio Joaquim de Mello, primeiro Bispo brasileiro no sólio paulistano, idealizador e construtor de um monumento de cultura, fé e coragem, destinado a ser o primeiro Seminário Episcopal de São Paulo.

Traços biográficos e momentos históricos

Permitam-me recordar, em rápidos traços, a vida e a personalidade deste nosso primeiro Bispo nascido em São Paulo. Não se realizará assim a profecia de D. Silvério Gomes Pimenta, literato, artista e santo também ele: "Previa, porém, com dor, que o tempo iria desfazendo na memória deste Apostolo e que dele, depois de alguns anos, restaria apenas um conhecimento vago, um vulto confuso, que nos não permitiria distinguir-lhe as feições, se mão hábil não se encarregasse de transmitir ao futuro o retrato moral desse homem singular, ufania de todos os brasileiros." (1)

O Cônego Ezequias, que abre a biografia do 6º Bispo de São Paulo com esta carta, chega a comparar D. Antonio ao Pe. Anchieta: "Se Anchieta é denominado o inclito Fundador de São Paulo, D. Antonio de Mello também é chamado o Apóstolo de São Paulo, pela fundação da primeira casa de educação clerical desta Diocese, o Seminário Episcopal, e por suas peregrinações evangélicas." (2)

Para não sermos prolixo, iremos indicar apenas algumas datas e recordar alguns eventos, para nos concentrarmos sobre a personalidade e o sentido de sua obra.

(1) Carta ao Cônego Ezequias Galvão de Fontoura, em "Vida do Exmo. e Revmo. Sr. D. Antonio Joaquim de Mello, Esc. Typ. Salesiana, S. Paulo, 1898, pp. 3-4.

(2) Ibid. p. 10.

Datas fundamentais talvez fossem as seguintes: 29 de setembro de 1791 - nascimento na cidade de Itu, ou, como dizem os historiadores, na "Roma Paulistana", "sempre notável desde os seus princípios, pelos sentimentos religiosos de seus habitantes e pelo esplendor de suas solenidades." (1)

Por muitos motivos, o próprio D. Antonio de Mello contribuiu para que a sua cidade natal fosse chamada "fidelíssima" (2). De fato, Itu não apenas se imprimiu, com seus monumentos, sua vida religiosa e cívica, na mente de D. Antonio, mas deu-lhe apoio espontâneo e fiel nas horas mais difíceis, merecendo assim ser o cenário das últimas realizações e do próprio trânsito do Bispo desta Terra à Eternidade. (3)

Minas, Província que naquele tempo também estava em parte sob a jurisdição dos Bispos de São Paulo, acolheu, em 1798, os pais de D. Antonio Joaquim de Mello, que foram morar em Vila Rica - hoje Ouro Preto -, ex-Capital de Minas Gerais. Lá, aos 8 anos, o menino iria assentar praça e encetar o estudo das primeiras letras. Com 12 anos, afinal, ainda em Minas Gerais, seria ele inscrito no quartel para continuar a vida militar.

Mas, caberia novamente a Itu ser testemunha das grandes resoluções de Antonio Joaquim de Mello. Na hora da baixa do quartel, porque não se acostumara à vida militar, procurou o grande objetivo de sua vida. A revelação teve lugar num dia de Natal. Assim como o grande poeta francês Paul Claudel diz ter nascido para a vida e para a arte no dia do

(1) A esta altura, talvez fosse interessante lembrar a informação de Mons. Paulo Florêncio: em 28/12/1819, o Conselheiro Antonio Rodrigues Veloso de Oliveira apresenta informações ao Imperador, para servir de base à divisão do Brasil em sete Províncias eclesiásticas ou Metrôpoles Arquiepiscopais e 26 Bispados. São Paulo iria ser, nesta informação que não passou a projeto por razões econômicas, sede de uma dessas sete Províncias, tendo como sufragâneas Itu, e na futura Província do Paraná, Curitiba e Paranaguá, além das sedes distantes de Goiás e Cuiabá.

(2) Cf. "A República", Itu, 18/10/1906.

(3) 16 de fevereiro de 1861.

nascimento de Jesus, o jovem Antonio de Mello seria vocacionado para a vida e os destinos de São Paulo na Igreja do Carmo, em 25 de dezembro de 1810. Foi a fé e a amizade que decidiram a vocação de Antonio. Durante o canto do "Agnus Dei", ou mais exatamente na hora do abraço da paz da Missa de Natal, toma ele a resolução inabalável de ser sacerdote. Não admira, pois, que a liturgia e a formação humana inspirada na fé e na amizade se fixem como normas para toda a vida do futuro Antístete.

Dois anos serão o suficiente para prestar os exames de latim, retórica e filosofia nesta Capital, e receber as ordens até o diaconato. E não havia ainda completado o 4º ano de estudos especializados em São Paulo, quando se submeteu aos exames de Teologia dogmática e moral para receber a Ordem de Presbítero das mãos de D. Mateus de Abreu Pereira, 4º Bispo de São Paulo.

Transcorre o ano de 1814. Período decisivo de nossa História Pátria. Talvez fosse bom recordar que enquanto o futuro Bispo D. Antonio era soldado em Minas, chegava ao Brasil D. João VI de Portugal (1808); que a curiosidade do pequeno militar era progressivamente estimulada pela fundação da Escola Militar, da Escola de Medicina, pela abertura dos portos ao comércio mundial. Como sacerdote, iria ele presenciar à elevação do Brasil a Reino (1815), à aclamação de D. João VI como Rei de Portugal, Brasil e Algarves (1818); iria sobretudo vibrar com a proclamação da Independência do Brasil, a cuja Constituição prestaria em 1824 o seguinte juramento: "Jurro, ~~aos~~ Santos Evangelhos, obedecer e ser fiel à Constituição Política da Nação brasileira, a todas as suas leis, e ao Imperador constitucional, defensor perpétuo do Brasil, Pedro I".

Mas poderíamos recordar, igualmente, que poucas cidades como Itu preparavam a verdadeira independência e o progresso global da Nação brasileira. Foi ela a primeira cidade, em toda a Província, a ter máquinas perfeitíssimas de tecer e de fabricar papel, agricultura desenvolvida e possibilidades de formação. Mais importante ainda para o Pe. Antonio, o fato de encontrarem-se em Itu, Presbíteros como o Pe. Jesuino do Monte Carmelo, Feijó e outros, que se reuniam continuamente para aprofundarem os estudos eclesiais e se animarem

a uma disciplina e ascese rigorosa de que testemunham ainda hoje os corredores que ladeiam a belíssima capela do Patrocínio.

Como conclusão lógica destes fatos, o Pe. Antonio Joaquim de Mello iria dedicar-se, em Itu, ao ensino e à pregação. Quando de lá se retira, será ainda para fundar um colégio no lugar depois chamado Rio das Pedras, entre Piracicaba, Capivari e Tietê. Deste Colégio, do "sertão" - como dizem os cronistas - foi Diretor e Professor por sete anos. Apenas por curto espaço de tempo assumiu um paróquio que lhe terá sido utilíssimo num futuro encontro com os Vigários, durante as celeberrimas e importantíssimas visitas pastorais.

O decreto imperial de sua nomeação para Bispo da Diocese de São Paulo e sucessor de D. Manuel Gonçalves de Andrade foi promulgado em 5 de maio de 1851, quando o Pe. Antonio iria completar 60 anos, e quando era membro da Ordem Terceira Franciscana, e começava a interessar-se em morar mais próximo à igreja destinada a acolher seus restos mortais, para facilitar o trajeto do cortejo fúnebre (1).

Chegou a hora de nos inspirarmos na personalidade de D. Antonio Joaquim:

Personalidade

1. Cultura - A Bula de nomeação para Bispo dispensava expressamente o Doutorado, exigido, conforme o Documento, pelas Constituições e Ordenações apostólicas. De fato, D.

(1) "República", 29/3/1914 p. 2 lembra que D. Antonio já fazia parte do ano, compromissal de 1818 a 1819, junto com dez outros sacerdotes aí residentes. Convém lembrar que, mesmo morrendo como Bispo, tenha encontrado o primeiro repouso na Igreja da Ordem Terceira de São Francisco, e que a lápide desta sepultura, conforme noticia o jornal "República" de 15 de março de 1914, p.3, foi encontrada numa casa da Rua da Misericórdia, nesta data, sendo até agora impossível localizá-la.

Aqui mesmo gostaríamos de testemunhar nossos agradecimentos ao Sr. Newton Camargo Costa, grande pesquisador da História e residente em Itu, que nos permitiu confirmar uma série de dados e vislumbrar novas possibilidades de pesquisa.

Antonio não era Doutor, mas passara 38 anos em continuadas leituras, e anotara os 969 volumes de sua biblioteca clássica, arrematada, no Rio de Janeiro, na época da Sagração Episcopal.

Mons. Ezequias Galvão de Fontoura chega a acrescentar: "Em viagem, em seu gabinete, ou no leito de dor, o livro era o seu indispensável companheiro". (1)

De fato, tornara-se, desde os seus estudos de latim, um amante apaixonado dos livros. A Crônica das Irmãs de São José encontrou uma forma clássica de exprimi-lo: "Et c'est ainsi, dans le silence, l'étude et prière que s'écoulait la vie de P. Antonio Joaquim de Mello. Il se préparait sans le savoir, à la mission que Dieu lui destinait" (2).

Apesar de tão bem-sonante louvor em língua gálica, seus inimigos tentaram apresentá-lo como "Bispo Caipira".

D. Antonio nutria propósitos bem mais elevados do que os seus difamadores: "Meus irmãos, nós sucumbiríamos antes que conseguíssemos enumerar quanto o Bispo deve às suas ovelhas: propagar a paz; procurar que entre vós haja um mesmo coração, evitando que apareçam contenções, emulações, animosidades e dissensões..." (3).

Jamais ostentou os méritos de sábio e orador. Nunca lembrou aos outros que fora professor e mestre durante a vida inteira. Só por outrem nos chegará a informação de que em 1840 se dirigira ao Caraça, o mais célebre educandário daquele tempo, para fazer do ensino e da evangelização o sentido da vida. Verdade, que ao ensino e à evangelização desejava unir profunda vida espiritual, hesitando entre ser lazarista ou cartucho. Não foi nem um nem outro, mas Bispo. Além de sábio, um dos maiores incentivadores do ensino no Brasil, chamando da longínqua França as Irmãs de São José para abrirem o depois célebre

(1) Vida de D. Antonio Joaquim de Mello, p. 30.

(2) Chroniques de la Congrégation des Soeurs de St. Joseph de Chambéry, l. XII, p. 28.

(3) Fontoura, Vida de D. Antonio Joaquim de Mello, p. 62.

Instituto de Educação para Moças junto à Capela do Patrocínio. Mais do que isso, abrindo em favor do Clero e da Juventude masculina católica o Instituto ligado ao Seminário Episcopal que continua, até hoje, com o nome de Colégio Arquidiocesano a missão que lhe foi confiada pelo primeiro Bispo brasileiro no Sólido de São Paulo.

Antes, porém, de pensar nos dois educandários - um para moças, outro para meninos - concentrara todos os esforços na edificação do Seminário Episcopal, inaugurado a 9 de novembro de 1856, e na sua organização interna. Disto dão provas as 19 cadeiras ~~de ensino~~, responsabilizadas pelo ensino global desde as primeiras letras, passando pelo latim, francês, inglês, física, até a filosofia, teologia dogmática e música.

2. Simplicidade - Todos os retratos de D Antonio Joaquim, que até o momento pudemos analisar, no-lo apresentam com traços austeros e rígidos e solene imponência. Enérgico era mesmo. Chegou a enfrentar o poderoso Cabido Metropolitano, não evitando que certas desavenças viessem a tornar-se públicas.

No entanto, para aproximar-nos da verdade, tentemos aproximar-nos da própria pessoa, através de testemunhos contemporâneos: primeiro, do Pe. João Paulo Xavier, e o outro novamente das Irmãs de São José.

"Não obstante mesmo sua energia em emitir decididamente suas opiniões, sem servir-se de expressões equívocas, ou torneios de palavras, quando a convicção de sua consciência lhe não permitia concordar com outras opiniões, contudo dadivoso, afável, jovial e caridoso no trato, ele era o centro de não pequeno círculo de sacerdotes, de seculares, de parentes e amigos, que muito se compraziam em sua companhia" (1)

As Irmãs, sempre mais informadas do que os Padres, apresentam provas do que afirmam: "Uma simples cama de madeira, coberta de chita desgastada, rede suspensa ao lado, uma mesa velha carunchada, um armário em mau estado, compunham

(1) Pe. J. P. Xavier, Oração Fúnebre.

os móveis do quarto. Sua sala de jantar não apresentava maior elegância; em sua cozinha, nada dos confortos europeus, dos quais nosso santo Bispo não faz a menor idéia. Sua alimentação é a das pessoas mais modestas do país: um pouco de carne seca, arroz e feijão com farinha de milho, em lugar de pão; tal é o cardápio de cada dia, sem alteração alguma, conforme o costume."

E as Irmãs não iriam certamente ocultar à Madre Geral como sabiam edificar-se:

"Ó minha Madre, quanto ficamos emocionadas ao ver este venerável ancião com grande chapéu de palha sobre a cabeça branca, grosseiros tamancos nos pés, fazendo-nos a honra de mostrar sua chácara, sua plantação de laranjas, seu pequeno jardim, que ele cultivava para se repousar no acúmulo de trabalhos". (1)

3. Dinamismo pastoral - Este homem tão simples percorre as Paróquias de todo o Estado de São Paulo e Sul de Minas a cavalo e a pé, pedindo, por diversas vezes nas pastoras que anunciam as visitas, que os fiéis consertem as estradas pelas quais nem a pé se podia transitar. Chegou a lugares em que jamais, na História, haviam recebido visita de Bispo. D. Antonio teria um dia revelado à Madre Teodora Voiron que, em certa povoação sertaneja, notara a alegria esquisita e crescente do Vigário. A explosão canalizou-se afinal nestes termos: "Como estou contente? É a primeira vez que vejo um Bispo?" Quando D. Antonio lhe observou que devia ter visto o Bispo ao menos na hora em que lhe conferira as Ordens Sacras, o velhinho respondeu com ingenuidade: "Permita confessar, eu não recebi Ordem sacra alguma". Era um sacristão que fora feito Vigário pelo próprio Povo, depois de ter observado durante anos como se faziam as instruções e as cerimônias sacras". (2)

Já naquele tempo, D. Antonio tinha que sublinhar nos sertões e nas cidades, a meta pastoral que ainda em 1972 apontamos como anterior a todas as demais metas: "A vós, pais de família, pedimos agora que nos ajudeis eficazmente..."

(1) Mons. Paulo Florêncio da S. Camargo, "A Igreja na Hist. de São Paulo" vol VII, p. 284.

(2) Ib. p. 251.

vós sois como Bispos em vossas casas... esforçai-vos para que vossos filhos aprendam de vós a doutrina..."

Depois de organizar o Seminário Episcopal e dotá-lo de bons diretores e professores; depois de levar os sacerdotes à vida de piedade, disciplina e estudos, D. Antonio cuidou dos agentes de pastoral em todos os campos. Não temos prova alguma de que conseguisse reanimar os cinco mosteiros beneditinos existentes em sua Diocese, nem tão pouco os quatro conventos carmelitas e os cinco franciscanos. Aliás, todos reunidos não contavam mais que 19 membros no ano de 1857. Foi-lhe difícil levar as carmelitas, o Mosteiro da Luz e as Clarissas de Sorocaba - únicos mosteiros daquela época - à sua verdadeira finalidade. Iria recomeçar tudo pelas bases. E teve a grande alegria de ainda poucos meses antes de sua morte, ordenar os 15 primeiros Padres de seu seminário e de colher os belíssimos frutos do ensino dos dois grandes institutos que abriira. Assim, repetia ele a expressão do velho Simeão "agora podeis deixar o vosso servo ir em paz".

A fidelíssima cidade de Itu o acolheu para os instantes supremos da existência. As 114 paróquias da Província de São Paulo, as 20 do Paraná e as 28 de Minas Gerais, que constituíam a Diocese de São Paulo, receberam, com sofreguidão sempre de novo atestada, a semente sadia e generosa de suas pregações, cartas pastorais, catecismo e virtudes.

Conclusão

Sócio-correspondente do Instituto Histórico e Geográfico do Brasil desde 1841, conde, por nomeação do Papa Pio IX a 28 de abril de 1857, Bispo por graça de Deus e mercê da Sé Apostólica, D. Antonio Joaquim de Mello será sempre o Apóstolo de São Paulo, animador das forças vivas da hora e semeador divino do Reino de Deus que está para chegar. Não poderá cair em esquecimento, porque São Paulo lhe continuará fiel e este Instituto Histórico e Geográfico cultiva a memória de todos os que construíram a nossa civilização e nos legaram o dom, entre todos precioso, da fé.
